

Editorial

Educação e tecnologia: desumanização do ensino remoto?

Quando em 1968 Erich Fromm escreveu o livro *The Revolution of Hope Toward a Humanized Technology*, ele questionou, entre outras dimensões, as possibilidades de humanização das tecnologias na sociedade industrial da época. Para ele, isso não poderia ser realizado sem uma ruptura de três elementos na sociedade: 1) grandes empreendimentos centralizados no governo, negócios, universidades, deixando claro que, para que isso ocorresse, seria necessário um trabalho contínuo de grandes sistemas; 2) planejamento em larga escala para cada sistema em decorrência desse processo de centralização; e, 3) informatização e automação, processo ao qual ele chama de "cybernation" (1968, p. 93) no qual os computadores teriam um papel central a desempenhar para assegurar o princípio do controle em termos teóricos e práticos.

Contrastando o uso das tecnologias como um método alienante e burocrático com seu uso mais humano, Fromm (1968, p. 98) declara: "computadores devem se tornar uma parte funcional num sistema social que oriente a vida, e não um câncer que passa a trazer destruição e eventualmente mata o sistema".¹ Lembramos, porém, que o uso humanístico das tecnologias de Fromm do qual estamos falando é um humanismo normativo e não o humanismo antropocêntrico, racionalista e cientificista de Erasmo de Roterdã (1466-1536), por exemplo.

Muitas décadas após as reflexões de Fromm, vivemos numa sociedade líquida marcada pela informação, automação e inteligência artificial. Neste ano de 2021, especialmente com a continuidade do uso de sistemas de ensino remoto em tempos de pandemia, questionamos: o ensino remoto, em época de Covid-19 desumanizou os processos e as relações de ensino e aprendizagem? As tecnologias desumanizam as relações e interações educacionais? É possível articular as vantagens das tecnologias e minimizar suas desvantagens? O que aprendemos nesta época de ensino remoto intenso? As aprendizagens obtidas por professores, educadores, líderes educacionais, alunos da escola básica e estudantes universitários podem ou irão ser aplicados em época de pós-pandemia? Este processo de forte interação online permanecerá como uma vantagem no ensino e no sistema educacional formal? Estaremos preparados para interagir com a inteligência artificial na educação de forma eficaz e

¹ "Computers should become a functional part in a life-oriented social system and not a cancer which begins to play havoc and eventually kills the system"

proveitosa? Deveriam a inteligência artificial e a automação ser banidas dos processos educacionais formais? Esta tempestade de questionamentos pode se prolongar exprimindo a curiosidade, a incerteza e a necessidade de aprendizagem e educação nesta sociedade líquida.

Um dos primeiros equívocos que muitos professores podem cometer, ou cometeram no início do ensino remoto nesta época pandêmica, é confundir a aula presencial com a aula online síncrona e assíncrona, dentre as quais as aulas online síncronas (ensino remoto) são as que mais se aproximam das aulas presenciais. Esta confusão não foi do ponto de vista conceitual, mas em termos práticos. Assim, consideramos ser um erro praticar o mesmo padrão didático de aulas presenciais em aulas online. Neri de Souza (2011) declara que existem quatro dimensões que podem ajudar nesta distinção: espaço, tempo, fidelidade e humanização. Nas aulas presenciais temos professores e alunos no mesmo espaço e tempo, mas nunca temos a plena certeza da concentração e atenção plena de ambos os grupos. No entanto, por ser um ambiente rico em fidelidade em todos os sentidos (tato, audição, visão, paladar, olfato) existe uma maior probabilidade ou possibilidade de concentração e humanização dos processos educativos.

Quando migramos para o ensino online, são as aulas síncronas com áudios e câmeras abertas que são mais próximas dos padrões de interação presencial. Nas aulas síncronas temos quase o mesmo tempo, mas não o mesmo espaço físico. Aqui podemos falar de ter o mesmo espaço virtual. A qualidade desse espaço virtual interfere diretamente na qualidade e fidelidade da interação educacional. Contudo, é possível tornar mais humano o ambiente (espaço) do ensino remoto? Sim, mas para isso é necessário maior planejamento dos momentos de interação. Esses momentos necessitam ser intencionais e carregados de estratégias didáticas com a integração das tecnologias.

Em síntese, ao tentar aplicar as mesmas estratégias didáticas da sala de aula presencial no ensino remoto, ou seja, um ensino centrado no professor e na sua explicação estando o poder de concentração muito mais na responsabilidade do aluno do outro lado da tela, teremos como resultado maior distração digital e/ou desumanização do processo educativo. Neste ponto temos que lembrar o óbvio, o ensino remoto na pandemia de Covid-19 foi uma solução viável à quarentena e ao fechamento das escolas físicas. Longe de ser o ideal educativo, o ensino remoto possibilitou e possibilita o acompanhamento e orientação do processo que nunca para – a aprendizagem.

Compreendemos que as pesquisas em educação devem continuar nos seus parâmetros tradicionais, como se poderá ler em muitos dos artigos desta edição da RDD. Entretanto, esperamos e prevemos que o ensino remoto, ensino híbrido e a integração das tecnologias utilizadas nesta época de pandemia serão objeto de pesquisa e melhoria dos processos educativos. Assim, os artigos desta edição lançam luz sobre antigos e novos problemas em diversas dimensões da pesquisa em educação.

Esperamos que os artigos deste novo número da *Revista Docent Discunt* (RDD) contribuam para a reflexão sobre estes novos e antigos problemas educacionais, bem como para a aprendizagem e para a construção de soluções inovadoras.

Os editores,

Francislê Neri de Souza

Ellen Nogueira Rodrigues

Engenheiro Coelho, 15 de dezembro de 2020

Referências

FROMM, E. **The Revolution of Hope Toward a Humanized Technology**. New York: Harper Colophon Books, 1968.

NERI DE SOUZA, F. Competência de Questionamento em cursos híbridos (Blended Learning). In: LEÃO, M. B. C. (Org.). **Tecnologias na Educação: Uma Abordagem Crítica para uma Atuação Prática**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011.